

CIES e-WORKING PAPER N.º 73/2009

**Organização do trabalho doméstico
em casais homossexuais**

MAGDA LALANDA NICO e ELISABETE RODRIGUES

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Magda Lalanda Nico é licenciada em Sociologia e mestre em Família e Sociedade. É actualmente doutoranda do Programa de Doutoramento em Sociologia do ISCTE-IUL e assistente de investigação no CIES-ISCTE. Tem realizado pesquisas nas áreas da juventude, da família e do género. *E-mail:* magda.nico@iscte.pt

Elisabete Rodrigues é doutoranda do Programa de Doutoramento em Sociologia do ISCTE-IUL e assistente de investigação do CIES-ISCTE. Tem realizado pesquisas nas áreas do género, das masculinidades e da literacia. *E-mail:* elisabete.rodrigues@iscte.pt

Resumo

Na tradição dos abundantes estudos sobre a divisão do trabalho doméstico, o sexo dos membros dos casais tem sido recorrentemente apontado como o elemento estruturador por excelência das diferenças da qualidade (tipo de tarefas), quantidade (horas dispendidas), satisfação e avaliação da justiça das tarefas realizadas (Wall e Amâncio, 2007). São essencialmente estudos sobre a forma como a heteronorma e os regimes de género (Connell, 1994) são (re)produzidos na esfera privada, arena privilegiada para tal.

O presente *paper* apresenta algumas conclusões de uma pesquisa levada a cabo junto de casais homossexuais (10 homens, 10 mulheres), a viver juntos há pelo menos um ano e a residir actualmente na Área Metropolitana de Lisboa. Nestes casos, o regime de género ocupa um lugar explicativo necessariamente diferente na negociação da distribuição das tarefas, e nesse sentido o objectivo desta análise foi o de identificar os elementos alternativos determinantes na negociação, em casal, dos direitos e deveres domésticos dos seus membros.

Concluiu-se que, tal como nos casais heterossexuais, existem desequilíbrios na divisão das tarefas domésticas, mesmo quando os níveis de escolaridade são elevados. Além disso, os casais entrevistados reconhecem nos casais heterossexuais um maior desequilíbrio na realização das tarefas domésticas.

Palavras-chave: conjugalidade *gay* e lésbica, trabalho doméstico, regime de género.

Abstract

In the tradition of the studies on the division of the household labour, the sex of the members of the couples are almost always presented as the structuring element, by excellence, of the differences of the quality (type of tasks), quantity (hours spent), satisfactions and evaluation of the justice of the completed tasks (Wall and Amâncio, 2007). These studies are mostly about the way by which the heteronorm and the gender regimes (Connell, 1994) are (re)produced in the private sphere, the privileged arena for such.

The present paper presents some of the conclusions of a research carried out with gay and lesbian couples (10 men and 10 women), living together at least for a year and currently living in the Lisbon Metropolitan Area. In these cases, the gender regime occupies a very different explanatory position and in that sense the goal of this

analysis was to identify what other elements are mobilized for the negotiation, in the couple, of the rights and duties of its members.

We have concluded that in homosexual couples, as in the heterosexual ones, there are inequalities in the division of the household labour, even when the qualifications are high. Besides that, the interviewed couples point out the bigger inequality of this division in the heterosexual couples.

Key-words: gay and lesbian conjugality, household labor, gender regime.

1. Introdução

Em Portugal, os estudos que se debruçam sobre a conjugalidade homossexual, ao contrário do que acontece com a conjugalidade heterossexual, têm sido desenvolvidos no interior da Sociologia do Género, e não da Sociologia da Família, incidindo, por esse motivo, especialmente nas problemáticas da sexualidade e identidades (Brandão, 2000; 2008), discriminação social (Santos e Fontes, 1999; Santos, 2004), associativismo e visibilidade política (Vale de Almeida, 2009).¹ A heteronormatividade tem, portanto, tomado conta dos estudos em Portugal sobre a domesticidade do quotidiano conjugal, sobre a divisão das tarefas domésticas e sobre a percepção de igualdade e justiça do investimento nas esferas privadas e pública entre os dois membros do casal (veja-se os notáveis e recentes exemplos de Sofia Aboim em 2006, de Karin Wall e Lígia Amâncio em 2007, de Anália Torres em 2001 e em 2004, e de Karin Wall em 2005, sobre o nosso país ou enquadrando Portugal na Europa).²

A recente inclusão dos casais homossexuais na pesquisa da esfera familiar parece reflectir a lenta mas mediaticamente debatida evolução do próprio enquadramento legal efectivo ou proposto a que este tipo de conjugalidade/família tem sido sujeito. Ou seja, a delonga científica na integração desta temática na Sociologia da Família articula-se com o intrincado cenário que envolve esta problemática, quer no plano social quer nos planos político e legal portugueses. O movimento LGBT apenas ganha visibilidade na década de 90 do séc. XX, sobretudo em Lisboa, e “tem sofrido dos mesmos problemas de fraqueza estrutural que a maior parte dos movimentos sociais no país” (Vale de Almeida, 2009). Para ilustrar o atraso legal em Portugal, talvez se possa referir que no mesmo ano (2001) em que Portugal legisla a união de facto entre pessoas do mesmo sexo (Lei n.º 7/2001, de 11 de Maio), reconhece-se legalmente o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo na Holanda. Pouco mais tarde (2005), no país vizinho, legisla-se de forma a garantir a igualdade no acesso ao casamento civil e adopção por parte dos casais homossexuais.

Devido à incomparabilidade dos dados entre os países (explicada pelos diferentes enquadramentos legais para registo destes agregados domésticos), os estudos extensivos

¹ Como rapidamente se pode comprovar com uma simples pesquisa bibliográfica nas duas instituições de ensino superior com mais protagonismo e antiguidade na área da Sociologia da Família, ICS e ISCTE-IUL.

² Muitas destas pesquisas estão, contudo, geralmente mais atentas à “versão” feminina do que à masculina, reflectindo, com certeza, a génese dos estudos de género nos movimentos feministas e a luta pelos direitos das mulheres.

(e até mesmo os intensivos, alicerçados estatisticamente) sobre esta temática têm tido sobretudo um carácter nacional, e têm-se desenvolvido essencialmente em países onde os enquadramentos legais têm permitido a recolha de dados sobre temáticas domésticas em agregados familiares heterossexuais bem como homossexuais. Algumas destas pesquisas inspiraram e contribuíram directa ou indirectamente para a construção do guião de entrevista e a subsequente pesquisa.

Encontram-se entre elas as pesquisas de Kurdek acerca da divisão das tarefas domésticas em casais homossexuais femininos e masculinos (2007) e ainda a comparação com casais heterossexuais (2001), onde o autor conclui que as mulheres, mesmo em casal com outra mulher, tendem a fazer mais tarefas e a delegar menos a terceiros. No entanto, segundo o mesmo autor, as socializações dos papéis de género intensificam-se na heterossexualidade, e suavizam-se na homossexualidade. Tal significa que os homens nos casais homossexuais tendem a fazer um pouco mais e as mulheres nestes casais tendem a não precisar de fazer tanto (2001), aproximando-se assim de uma distribuição menos genderizada, ainda que marcada por desequilíbrio.

A nível nacional, não só não existe informação equivalente (comparação entre casais homossexuais femininos e masculinos e casais heterossexuais ao nível da realização das tarefas domésticas), como não existe qualquer registo estatístico acerca da expressividade da conjugalidade homossexual. Dada a coincidência entre a publicação da Lei n.º 7/2001, de 11 de Maio e o último recenseamento em Portugal, os casais homossexuais não têm sido incluídos na análise da evolução das estruturas domésticas (para os casais heterossexuais, ver Aboim, 2006: 74-88).³

Apesar da fraca expressão de estudos em que nos possamos ancorar de forma mais directa, importa referir, no plano científico nacional, a recente publicação de Vale de Almeida,⁴ inscrita na actual discussão pública sobre o direito ao acesso ao casamento civil e adopção por parte dos casais homossexuais, e a tese de doutoramento ainda em curso de Ana Brandão,⁵ incidindo especificamente sobre a homossexualidade feminina. Esta autora

³ O registo de cônjuges do mesmo sexo era desencorajado pelos formadores oficiais nos Censos 2001. Os recenseadores tinham a indicação de posteriormente alterar o autopreenchimento de todos os indivíduos que se considerassem cônjuge de um outro indivíduo do mesmo sexo para “outra relação”.

⁴ Miguel Vale de Almeida (2009), *A Chave do Armário: Homossexualidade, Casamento e Família*, Lisboa, ICS.

⁵ Intitulada “A homossexualidade feminina em Portugal: estudos de caso”, iniciada em 2004, com enquadramento institucional da Universidade do Minho (para mais informações consultar: Base de Dados do Registo Nacional de Temas de Teses de Doutoramento em Curso, da responsabilidade do Gabinete de

conta já com alguns trabalhos caracterizados pela articulação entre sexualidade e identidade (cf. 2000; 2008).

Sendo assim, a opção por uma metodologia intensiva pareceu-nos a melhor porta de entrada no tema. Uma metodologia compreensiva que desse, de certa forma, visibilidade à banalidade do trabalho quotidiano doméstico/familiar em casais homossexuais. Os pormenores metodológicos da pesquisa serão retomados adiante. O principal objectivo do estudo sobre a divisão e negociação das tarefas domésticas em casais homossexuais não se prende, contudo, com a visibilidade desta temática, mas com o interesse no exercício analítico de congelar a variável sexo nessa mesma análise, possível apenas quando os membros de um casal são do mesmo sexo. Segue-se, portanto, a sugestão de Giddens relativamente à análise da relação pura, que segundo ele é mais facilmente estudada quando o elemento heterossexual é retirado (Giddens 2001 [1992]: 93).

Foi o que fizemos nesta pesquisa. Seguimos a sugestão de Sasha Roseneil quando afirma: “para compreender o estado actual, e futuro provável, das relações pessoais, os sociólogos devem descentrar a família e o casal heterossexual nos nossos imaginários intelectuais” (2005: 241). E retirámos da análise da divisão do trabalho doméstico a dimensão do género, recorrentemente apontada pelas ciências sociais como estruturante destes campos (Connell, 2002, em Amâncio, 2007: 181), esvaziando a hierarquia de poder que se estabelece entre os géneros (Bourdieu, 1999; Delphy, 1991).

O trabalho começa por prestar alguns esclarecimentos metodológicos, para de seguida caracterizar os entrevistados, disponibilizando quer informação por indivíduo, quer informação acerca do casal. Segue-se uma discussão acerca da divisão das tarefas domésticas entre membros de casais heterossexuais, que inclui alguns dados estatísticos do *European Social Survey* (representações e práticas), bem como a apresentação de alguns resultados de estudos enquadrados nesta temática. Para além destes, são apresentados resultados de estudos com contornos semelhantes. Satisfaz-se assim o objectivo de equacionar os resultados da pesquisa de campo com os resultados de outros trabalhos semelhantes, alargando contudo a discussão ao debate acerca das desigualdades de género, colocando-as em perspectiva.

2. Notas metodológicas

O trabalho apresentado, de cariz eminentemente qualitativo e de contornos exploratórios, baseou-se na realização de entrevistas semidirectivas, aos membros de 10 casais homossexuais (10 mulheres e 10 homens). Como já foi referido os requisitos dos casais para a inclusão no estudo são os seguintes: viver em conjugalidade há pelo menos um ano e residir na Área Metropolitana de Lisboa.

A estratégia de selecção dos entrevistados seguiu o método da “bola de neve” e tentou-se, na medida do possível, diversificar os focos de divulgação. Para o efeito, foram enviadas mensagens de correio electrónico a amigos/colegas; associações e redes de movimento pelo reconhecimento dos direitos dos homossexuais; e, num último momento (dada a escassez das respostas), a autores de *blogs*⁶ que, de forma mais ou menos declarada se podiam associar ao universo homossexual.⁷

De forma a melhor compreender como se configura a divisão das tarefas domésticas entre os membros dos casais entrevistados, os temas abordados na entrevista ultrapassam, como não poderia deixar de ser, a temática em análise. Para além das convencionais variáveis de caracterização sociodemográfica, recolheu-se informação acerca das características da relação (duração, qualidade, expectativas, marcos importantes, tomada de decisões importantes como a partilha de casa, representações acerca da relação – igualitária –, conflitos mais recorrentes e motivos dos mesmos), percurso amoroso, anteriores experiências de coabitação, vivência do quotidiano do casal, tempos livres, socialização para a realização (ou não) das tarefas domésticas, divisão das tarefas domésticas na família de origem, representações acerca das relações homossexuais e heterossexuais tendo como referência a esfera doméstica, etc. Relativamente à esfera do trabalho doméstico, e usando como referência na construção dos indicadores o trabalho de Kurdek (2003; 2005; 2007) e o inquérito *European Social Survey* (2004), recolheu-se informação acerca de: preferências em termos de tarefas domésticas; atitudes perante a organização/decoração/limpeza do espaço doméstico; práticas; nível de satisfação; e percepção da justiça da distribuição. Com o objectivo de contabilizar, o melhor possível, as tarefas que cada membro do casal geralmente executa, bem como o nível de discrepância entre os discursos acerca destas práticas, foi solicitado aos entrevistados que fizessem um esforço de contabilização das tarefas domésticas que, por rotina, estão a seu cargo.

⁶ A quantidade, ou pelo menos a visibilidade, dos *blogs* masculinos é maior do que a dos *blogs* femininos. Tal escassez de contactos femininos impossibilitou que se levasse a cabo a intenção de ter amostras masculinas e femininas relativamente “equivalentes” do ponto de vista das principais coordenadas sociais (idade, escolaridade, etc.).

⁷ Quer o número de entrevistas realizadas, quer a estratégia de contacto, não dão, evidentemente, garantias de representatividade, objectivo nunca equacionado.

3. Os casais: características e limitações

Os casais entrevistados residem na Área Metropolitana de Lisboa⁸ e a amplitude das suas idades é muito elevada, variando entre os 20 anos e os 52 (tabela 1). Se a média de idades da totalidade dos entrevistados se situa nos 32 anos, deve referir-se que nos homens é bastante superior (37 anos) e nas mulheres substancialmente inferior (26 anos).

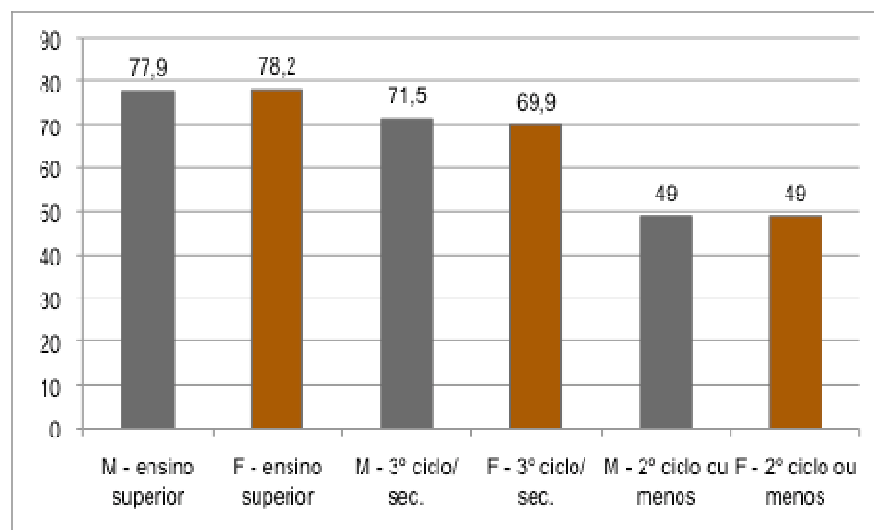
À diversidade de idades e algumas diferenças entre os casais *gay* e lésbicos entrevistados, contrapõe-se uma relativa homogeneidade ao nível dos níveis de escolaridade completos. Assim, apenas dois dos entrevistados não têm um grau de licenciatura nem a frequentam (tendo, no entanto, atingido o ensino secundário). Estamos, portanto, perante uma amostra de indivíduos com níveis de escolaridade muito superiores à média nacional,⁹ e que não será representativa deste grupo de indivíduos (aqui considerados por relação à orientação sexual homossexual). Eventualmente, os entrevistados corresponderão ao perfil de um ideal-tipo de homossexual com maior facilidade em assumir a sua orientação sexual (Santos e Fontes, 1999). Neste sentido, apesar da convicção de que a homossexualidade é transversal a todas as classes sociais, afirma-se muitas vezes que entre as classes mais baixas a sua vivência e expressão será mais problemática do que entre as classes mais elevadas (Gomes, 2001). Independentemente da classe social de origem, não se questiona que “a revelação da identidade sexual à família de origem e a manutenção dos contactos com esta são de extrema importância...” (Frazão e Rosário, 2008).

Dados do *European Social Survey* (2004) relativamente à atitude perante a homossexualidade revelam que uma maior tolerância face a esta orientação sexual está directamente relacionada com uma maior escolaridade (figura 1), suportando, portanto, as ideias anteriormente avançadas. Entre homens e mulheres com as mesmas habilitações literárias não se identificam diferenças significativas, o que indica que uma maior tolerância face à sexualidade não está associada a nenhum dos sexos, mas sim às suas habilitações.

⁸ A delimitação da Área Metropolitana de Lisboa para a escolha dos entrevistados foi essencialmente constrangida por limites de ordem financeira e disponibilidade de tempo, facilmente justificáveis pela ausência de financiamento para a execução do trabalho de campo. Contudo, os contextos urbanos são muitas vezes apontados, inclusive pelos próprios homossexuais, como espaços que facilitam a expressão e vivência da homossexualidade (Gomes, 2001), o que eventualmente poderá fazer do limite uma vantagem (ou seja, elemento potenciador do número de respostas à nossa solicitação e favorecedor da decisão de colaboração por parte dos homossexuais contactados).

⁹ “Cerca de 70,0% da população activa portuguesa não tinha, no ano de 2008, concluído um nível de escolaridade superior ao 3º ciclo do ensino básico.” (Observatório das Desigualdades, 2009, disponível em: <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=indicators&id=32>)

**Figura 1. “Homossexuais e lésbicas deveriam ser livres de viver a sua vida como muito bem entenderem”
(% concordo/concordo totalmente)¹⁰**



Fonte: European Social Survey, 2004

Em relação à profissão, apesar da homogeneidade relativa, podem apontar-se, mais uma vez, algumas diferenças entre os membros dos casais *gay* e os membros dos casais lésbicos, explicadas sobretudo pela diferença de idades. As mulheres entrevistadas são, em média, mais novas e conjugam, por vezes, a frequência de uma licenciatura com um trabalho temporário que não corresponde à profissão/situação na profissão almejada após a conclusão dos estudos de nível superior.

Relativamente aos percursos amorosos dos entrevistados, e contrariando a associação abusiva que, por vezes, no senso comum e em prol de uma definição de grupos de risco na contracção de doenças venéreas ou do vírus HIV, se faz entre homossexualidade e promiscuidade, deparamo-nos com percursos que mais se distinguem pela escassez de experiências amorosas, do que por um passado de referências mais diversificadas. A maior parte dos entrevistados referiram três ou menos relações amorosas a anteceder a actual. Além

¹⁰ Uma vez que os entrevistados, como se observará de seguida, se caracterizam por níveis de escolaridade bastante elevados (tendo por referência a população portuguesa) e para mais facilmente comparar os dados deste questionário com os dados recolhidos no decorrer desta pesquisa, criou-se uma variável de caracterização que cruza o sexo com as habilitações literárias dos indivíduos e que funcionará como variável independente. Assim, a variação dos indicadores em análise leva em consideração, simultaneamente, o sexo e as habilitações literárias dos inquiridos, permitindo averiguar quais são as características que produzem as diferenças. A nova variável (independente) constitui-se por seis diferentes perfis de indivíduos: sexo masculino, ensino superior (3,8%); sexo feminino, ensino superior (5,0%); sexo masculino, 3º ciclo/ensino secundário (21,5%); sexo feminino, 3º ciclo/ensino secundário (25,6%); sexo masculino, 2º ciclo ou menos (16,4%); sexo feminino, 2º ciclo ou menos (27,8%); n=2050. A sobrerrepresentação das mulheres em qualquer dos perfis justifica-se pela sua superioridade numérica e acompanha a distribuição pelos diferentes graus de escolaridade.

disso, este número médio é, em muitos destes casos, inflacionado precisamente por relações heterossexuais anteriores (e não por relações homossexuais). Quanto à experiência de coabitação, voltamos a identificar substanciais diferenças entre os casais de homens e os casais de mulheres, com estas últimas a experienciar apenas actualmente a primeira partilha de casa com uma companheira (8 em 10 entrevistadas). Mais uma vez, a diferença entre as médias das idades de uns e de outros pode explicar a diferença identificada.

Tabela 1. Caracterização dos entrevistados

C A S A L	NOME FICTÍCIO	S E X O	I D A D E	PROFISSÃO	ESCOLA- RIDADE	RELAÇÕES AMOROSAS ANTERIO- RES ¹¹	EXPERIÊNCIA DE COABITAÇÃO ANTERIOR (CONJUGAL)
M 1	HENRIQUE PATRÍCIO	M	30	Recepcionista	Licenciatura	1 relação	6 (1 conjugal)
M 2	CÉSAR MÁRIO	M	32	Estudante & operador de <i>help desk</i>	12º ano	4 relações	Nenhuma
M 3	VICENTE RICARDO	M	28	Bolseiro de doutoramento	Mestrado	2 relações	Algumas (0 conjugal)
M 4	EDGAR ANDRÉ	M	35	Enfermeiro & professor assistente	Licenciatura	3 relações	2 (1 conjugal)
M 5	LEONARDO ADRIANO	M	28	Desempregado	Licenciatura	4/5 relações	Algumas (1 conjugal)
F 1	ANDREIA MATILDE	M	43	Delegado de informação médica	12º ano	Várias	Nenhuma
F 2	CECÍLIA MARGARIDA	M	42	Bancário	Pós- graduação	1 relação	1 conjugal
F 3	CAROLINA CARLA	M	52	Administrativo	11º ano	1 relação	Nenhuma
F 4	VERA RUTE	M	52	Perito forense	Licenciatura	Várias	1 conjugal
F 5	SOFIA SARA	F	20	Estudante	12º ano	3 relações	Nenhuma
F 6	MARGARIDA	F	20	Estudante & empregada de balcão	12º ano	Nenhuma relevante	Nenhuma
F 7	CAROLINA	F	23	Estudante & operadora de supermercado	12º ano	1 relação	Nenhuma
F 8	CARLA	F	26	Professora de 1º ciclo	Licenciatura	4 relações	Nenhuma
F 9	VERA	F	26	Bailarina & professora	Licenciatura	Várias	Nenhuma
F 10	RUTE	F	38	Estudante & actriz profissional & formadora & professora de teatro	Licenciatura	3 relações	3 conjugais
F 11	SOFIA	F	24	Estudante	12º ano	2 relações	Nenhuma
F 12	SARA	F	22	Estudante	Licenciatura	1 relação	Nenhuma
F 13	SOFIA	F	32	Professora	Licenciatura	2 relações	2 conjugais
F 14	SARA	F	27	Estudante & operadora de <i>help desk</i> & professora de gimno-desportiva	12º ano	2 relações	1 (0 conjugal)

¹¹ Embora os entrevistados tenham sido solicitados a referir os relacionamentos mais importantes do seu percurso amoroso, as respostas reflectem um entendimento mais amplo/diversificado, remetendo para experiências mais ou menos duradouras, e por vezes experiências sexuais não enquadradas em relacionamentos, mas importantes do ponto de vista da identidade e da orientação sexual.

Apesar das diferenças apontadas, verifica-se acima de tudo, ao nível de cada casal e de acordo com a tendência encontrada nos casais heterossexuais, a predominância de práticas endogâmicas ao nível da classe social, medida através da escolaridade e profissão, e das idades (menos visível entre as mulheres). Pelo contrário, observou-se uma maior heterogeneidade conjugal ao nível dos passados amorosos e experiências de coabitação conjugal anteriores.

A amplitude de idades reflecte-se na diversidade da durabilidade das relações encontrada. Nos casais *gay* entrevistados a duração das relações varia entre 3 a 21 anos, e nos casais lésbicos a duração das relações varia apenas entre 1 e 5 anos. Curioso verificar que, na maior parte dos casos, o número de anos em que os casais coabitam segue estes números de perto. Apenas um caso se constitui como excepção, com um período de 11 anos a intercalar o início da relação com a partilha de um espaço doméstico. Ora se, para os casais heterossexuais, especialmente de meios mais qualificados (como é o caso), a coabitação tende a assumir contornos mais transitórios e/ou experimentais (Aboim, em Wall, 2005: 105), neste contexto e mediante um enquadramento legal completamente restritivo face ao casamento civil entre homossexuais, este tipo de inferências perde o seu sentido. Pode-se adiantar, a partir da informação recolhida acerca das expectativas face à relação, que a maior parte dos entrevistados antevê e deseja a sua durabilidade, referindo muitas vezes vontade de ter/adoptar crianças. Esta tendência é mais frequente entre os membros dos casais mais duradouros e, portanto, entre os casais *gay* (cujos relacionamentos, nesta “amostra”, contam com maior durabilidade).

Tabela 2. Caracterização dos casais

Casal	Duração da relação (anos)	Nº anos em coabitação	Diferença de idade (mais velho)	Desigualdade de rendimentos	Estatuto da casa (nome do responsável)	Mais tarefas domésticas	Nível de discrepância	Nível de incoerência
M1	3	3	0	Henrique (+)	Alugada (Henrique)	Patrício	23	6
M2	7	5	3 (Mário)	César (+)	Comprada (dois)	César	31	5
M3	4	4	0	Vicente (++)	Alugada (Vicente)	Ricardo	34	17
M4	21	10	1 (Edgar)	André (+)	Comprada (Edgar)	Edgar	15	5
M5	15	15	0	Adriano (++)	Comprada (Leonardo)	Adriano	11	17
F1	2	2	0	Matilde (+)	Alugada (Andreia)	Andreia	18	23
F2	3	3	3 (Margarida)	Margarida (+)	Comprada (Cecília)	Margarida	30	6
F3	5	5	12 (Carla)	Igual	Alugada (Carolina)	Carla	21	12
F4	2,5	2	2 (Vera)	Rute (+)	Alugada (por quartos)	Vera	14	2
F5	1	1	5 (Sofia)	Igual	Comprada (Sofia)	Sofia	7	9

4. Tarefas domésticas: apropriações, divisões e partilhas

A análise dos dados recolhidos conta com dois pressupostos fortes. Um deles é o de que o espaço doméstico é uma das áreas privilegiadas para a produção e reprodução de desigualdades de género e de organização da relação entre os indivíduos como base nessa diferença social dos sexos (como revelam os estudos já citados em torno da divisão e organização das tarefas domésticas). Ou seja, “household is a gender factory” (Berk, em Davis *et al.*, 2007: 1249), mesmo quando em termos valorativos se verifica que é transversal aos vários países europeus um aumento da consideração de que homens e mulheres devem partilhar as tarefas domésticas (Berkel e De Graff, 1999; Bittman e Lovejoy, 1993; Artis e Pavalko, 2003, em Kurdek, 2005, entre outros). A falta frequente de sintonia entre os valores e as práticas pode ilustrar-se pela diferença, que permanece entre homens e mulheres, entre o que é ajudar nas tarefas domésticas e o que é assumir responsabilidade pelas mesmas.

Vejamus a tabela seguinte, que ilustra precisamente as respostas dos indivíduos dos países europeus a essa afirmação e permite identificar o lugar específico de Portugal no que se refere às convicções partilhadas. Como verificamos, a percentagem de discordância com esta afirmação de igualdade de género é residual e minoritária, sendo contudo variável entre 1,8 na Suécia e 9,5 em Espanha. Portugal inclui-se nos países com uma discordância ligeiramente acima da média, com uma elevada percentagem de indivíduos a não se posicionarem realmente, afirmando que “não concordam nem discordam da afirmação”. Tal distribuição reflecte-se na relativamente baixa concordância com esta afirmação de igualdade de género na esfera doméstica e parental, e tal ocorre independentemente da elevada taxa de participação feminina a tempo inteiro no mercado de trabalho. O regime de género tem, portanto, uma elevada interferência nos valores culturais em que esta distribuição se alicerça.

Tabela 3. Concordância com a frase “Os homens devem assumir tanta responsabilidade como as mulheres na casa e com os filhos”

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente	Total
Alemanha	24,5	57,0	11,9	5,7	0,9	100
Áustria	30,0	47,9	13,8	5,9	2,4	100
Bélgica	37,3	48,2	8,7	4,7	1,0	100
Dinamarca	42,9	47,6	6,1	2,9	0,6	100
Eslováquia	13,9	67,7	13,6	4,4	0,5	100
Eslovénia	31,8	58,9	6,4	2,4	0,5	100
Espanha	34,8	47,0	8,7	6,4	3,1	100
Estónia	35,1	56,6	6,1	2,0	0,3	100
Finlândia	47,8	43,3	6,6	2,0	0,3	100
França	60,1	33,8	3,9	1,7	0,4	100
Grécia	25,5	49,8	18,2	5,3	1,2	100
Holanda	24,7	57,3	10,6	6,9	0,5	100
Hungria	55,1	39,8	2,4	1,7	1,0	100
Irlanda	32,8	60,7	4,2	2,1	0,3	100
Islândia	41,7	53,3	2,8	1,4	0,9	100
Luxemburgo	39,5	50,6	6,1	3,3	0,5	100
Noruega	31,0	60,3	5,8	2,6	0,3	100
Polónia	35,6	55,5	5,4	3,1	0,4	100
Portugal	27,8	51,7	15,1	5,0	0,4	100
Reino Unido	30,9	58,7	7,0	3,1	0,2	100
República Checa	38,6	39,8	14,9	5,3	1,4	100
Suécia	41,5	52,5	4,3	1,5	0,3	100
Suíça	25,5	52,3	14,1	7,6	0,5	100
Turquia	30,8	50,0	10,6	6,2	2,4	100
Ucrânia	51,0	38,5	6,4	3,4	0,6	100
Total	35,1	50,9	9,1	4,1	0,9	100

Fonte: European Social Survey, 2004

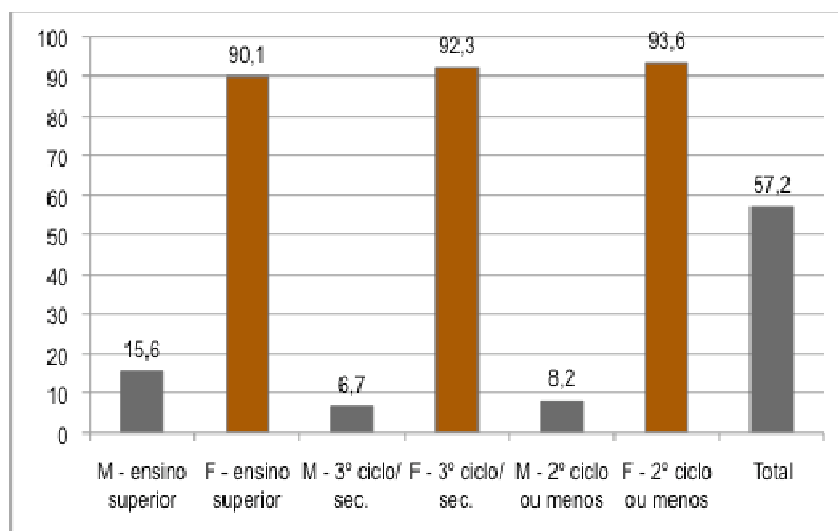
Ao nível das práticas, mas desta vez centrando atenção apenas no cenário nacional, os dados parecem revelar uma significativa desigualdade ao nível do tempo dedicado às tarefas domésticas, independentemente do nível de escolaridade completo (figura 2).

Como as figuras seguintes ilustram, são as mulheres que estão encarregues da realização da maior parte do trabalho doméstico, uma vez que o tempo que lhe corresponde é em metade ou na totalidade gasto por elas. Os homens com ensino superior também se distinguem dos restantes pela maior dedicação a este tipo de tarefas, mas, como se pode verificar, o tempo que lhes destinam é, em média, incomparavelmente menor do que o das mulheres, independentemente das suas habilitações literárias.

Estes dados reforçam, portanto, os estudos que apontam para uma “dupla jornada” das mulheres portuguesas, mesmo quando possuem escolaridade ao nível do ensino superior. Este

padrão de comportamento é evidente noutros países europeus, mas a disparidade entre sexos é maior em Portugal (Amâncio, 2007), o que estará relacionado com o elevado índice de stress trabalho-família que as mulheres portuguesas evidenciam (Guerreiro e Carvalho, 2007).

Figura 2. Tempo gasto pelo próprio com tarefas domésticas num dia de semana, do total de tempo gasto pelo agregado familiar (% entre metade e todo o tempo)



Fonte: European Social Survey, 2004

Um segundo pressuposto, que combinado com o anterior atribui especificidade a esta pesquisa, é o de que “os casais *gay* e lésbicos são relevantes porque, como membros do mesmo sexo, têm que conceber estratégias de distribuição do trabalho doméstico baseadas em outros critérios que não o sexo do parceiro, e a satisfação com a distribuição tem que invocar outros factores que não as normas sociais relativas aos papéis das mulheres e dos homens na família” (Major, 1993, em Kurdek 2007: 133).¹² A análise da divisão das tarefas domésticas em casais homossexuais permite compreender como os papéis sociais no interior das relações íntimas são atribuídos independentemente do sexo biológico (Kurdek, 2005: 252).

O objectivo desta análise é então identificar e compreender essas estratégias, averiguando, como afirma Moreira, se “os casais homossexuais não executam papéis estereotipados, por orientação a um papel de género de acordo com o modelo tradicional de conjugalidade – em que existe uma especialização dos elementos do casal em campos culturalmente atribuídos ao género masculino e feminino” (2004: 2). Existem evidências de que embora os dois membros do casal não assumam papéis “femininos” e “masculinos”

¹² Tradução das autoras.

(Carrington, 1999, em Kurdek, 2005: 252), estes acabam por especializar-se em determinadas tarefas em prol da eficiência e ainda da justiça da distribuição baseada nos interesses, competências e horários do parceiro (Patterson, 2000, em Kurdek, 2005: 252).

Para cumprir estes objectivos, utilizar-se-ão os conteúdos das entrevistas que se referem:

- à contabilização das vezes (em cada 10) que cada um dos membros do casal considera que faz cada uma das seguintes tarefas domésticas: preparar refeições, lavar louça, lavar roupa, passar roupa, aspirar a casa, lavar o chão, lavar a casa de banho, fazer as compras do dia-a-dia, fazer ou delegar as reparações e manutenções e responsabilizar-se pela gestão dos pagamentos (informação quantificável cuja unidade de análise é o casal) – estes indicadores possibilitaram a análise do desfasamento ou “incoerência” das versões sobre a participação (quantitativa) nas tarefas domésticas entre os dois membros dos 10 casais; a análise do desfasamento ou “desequilíbrio” entre as práticas e, por fim, a análise da distribuição ou “especialização” dos membros do casal em tarefas específicas;
- à justificação dada para esta distribuição das tarefas por cada um dos entrevistados (baseada em informação qualitativa cuja unidade de análise é o indivíduo);
- e à satisfação e justiça atribuída à distribuição por cada um dos entrevistados (baseada em informação qualitativa cuja unidade de análise é o indivíduo).

A BALANÇA DAS TAREFAS DOMÉSTICAS

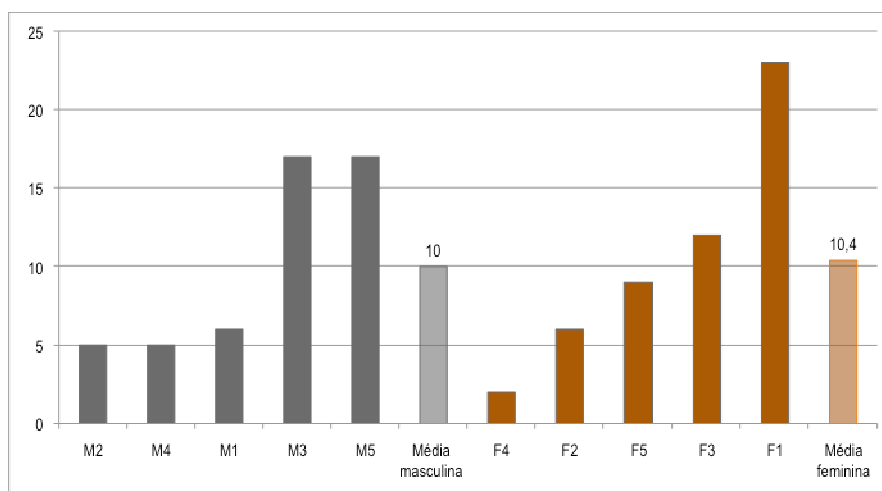
(In)coerências das versões recíprocas sobre as participações nas tarefas domésticas

Existe alguma literatura que constata o facto de as versões masculinas e femininas acerca das contribuições nas tarefas domésticas não coincidirem. Algumas avançam com a explicação de que os homens não têm a rigorosa noção da quantidade e variedade de tarefas que as mulheres fazem, que é “realmente” mais do que o que os homens indicam (Bittman e Lovejoy, 1993), outros de que o que as mulheres referem que os homens fazem é mais do que eles “realmente” fazem, avançando com explicações diversas, como vergonha sentida pela mulher ou estratégia consciente ou inconscientemente seguida para minimizar o conflito com

o parceiro (Roux *et al.*, 1999, em Amâncio, 2007). Nesta análise, pelo contrário, trataremos as duas versões (dos dois membros do casal) como igualmente válidas, analisando apenas a diferença que as afasta, relacionando posteriormente essa diferença com outras variáveis mas nunca por referência a uma suposta “realidade” ou verdade. A diferença é analisada enquanto discrepância de percepções sobre uma mesma realidade.

Na figura seguinte ilustra-se a heterogeneidade da discrepância das percepções sobre a participação de cada um dos membros do casal. Podemos desde já destacar o facto de as médias das discrepâncias feminina e masculina serem muito idênticas. No entanto, um apontamento necessário relativamente à aparente diferença entre a heterogeneidade feminina e a masculina refere-se ao facto de o padrão de discrepância masculino estar enviesado e deflacionado pela delegação de tarefas domésticas em serviços externos. Se retirarmos estes dois casos dos cálculos, a discrepância entre as versões masculinas é, afinal, mais elevada do que a das mulheres.

Figura 3. Diferença entre as versões dos dois membros do casal sobre a proporção da participação de cada um nas 10 tarefas consideradas (somatório de todas as tarefas)



A discrepância é, na maioria das vezes, fruto de inflações de participações, seja relativamente à própria, seja relativamente à do parceiro ou parceira. Em oito em dez dos casos, a hierarquia entre quem faz mais e menos (no total das 10 tarefas), mesmo que em proporções diferentes, é consensual, e neste sentido, podemos diferenciar os membros do casal por “o que mais participa” e “o que menos participa”. Verifica-se, porém, uma tendência diferente entre os homens e as mulheres que mais participam nas tarefas no que se refere à inflação na percepção das participações. A tendência dos homens (em 4 dos 5 casais) que

mais participam é inflacionarem a participação do parceiro, isto é, dizerem que ele faz mais do que o que este diz de si mesmo; enquanto que a tendência das mulheres (em 4 dos 5 casais) que mais participam a tendência é a inversa, isto é, a de deflacionarem a participação da parceira, referindo que elas próprias fazem proporcionalmente mais do que o que as parceiras referem que elas fazem.

(Des)equilíbrios de participações: para quem pende a balança?

Um dos aspectos que pode ser analisado na distribuição das tarefas domésticas em casais homossexuais é a existência de desequilíbrios, entre os dois membros do casal, no número de vezes que se efectuam as tarefas domésticas. Retirar a variável sexo não extingue a desigualdade, isto é, o desequilíbrio da balança pode ser eventualmente menor e com contornos diferentes dos que caracterizam as relações heterossexuais, mas subsiste nas relações homossexuais (em maior ou menor grau, como descreveremos adiante), como ilustram os testemunhos do Edgar ou do César.

Quando vivemos com outra pessoa, seja homem ou mulher, não interessa, se tem quem faça... o outro acomoda-se. E eu acho que foi o caso dele. Eu fui o culpado se calhar, e ele acomoda-se e aproveita-se. [...] Ele faz mas é preciso eu dizer, se eu não disser ele fica lá, faz-se de esquecido para ver se eu faço. Exactamente como nos casais hetero em que acabam de jantar e ele vai directo para o sofá.

Edgar, 43 anos, delegado de informação médica, 10 anos de relação conjugal com André

Houve um dia que eu explodi: “Não me ajudas e vivemos os dois aqui, queiras ou não, eu sujo, tu sujas, temos também que partilhar as coisas! Porque eu não limpo por gozo! Limpo porque tem que ser!” E depois havia sempre ali um período em que as coisas melhoravam e depois voltava sempre ao mesmo!

César, 32 anos, engenheiro informático, 5 anos de relação conjugal com Mário

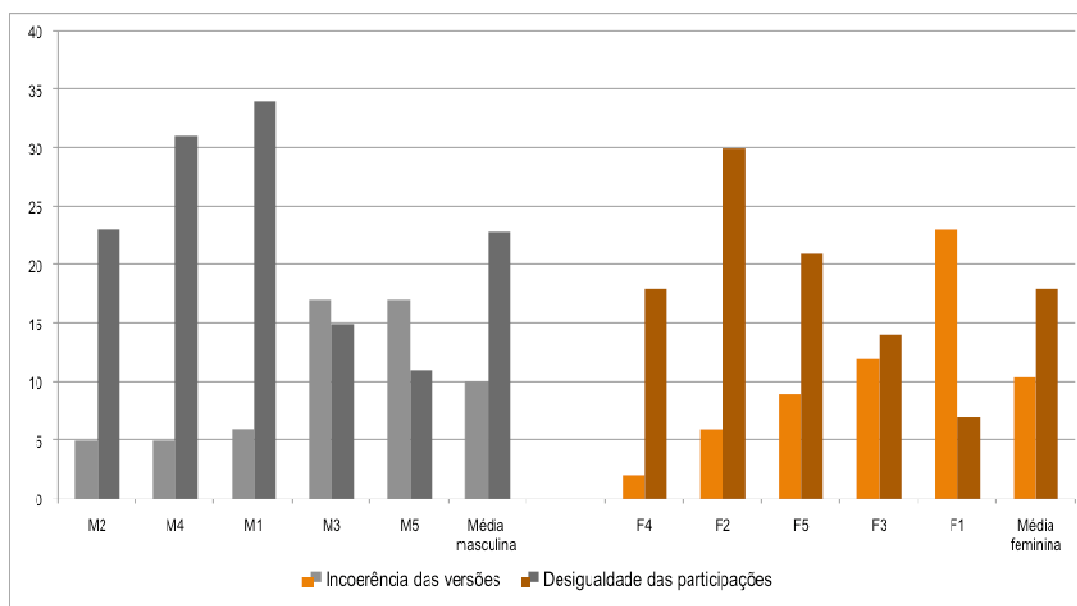
No entanto, a desigualdade (diferente e não necessariamente injusta ou desequilibrada) em casais homossexuais pode não concentrar num dos membros do casal, como parece acontecer nos casais heterossexuais, especialmente nos pouco habilitados, os três tipos de

sobrecarga das tarefas efectuadas: maior dureza, maior frequência ou duração e maior quantidade/variedade. Vejamos, então, com a ajuda da figura 4, os níveis de desigualdade entre o que é feito por cada um dos entrevistados, segundo a versão dos próprios, para posteriormente percebermos como esta desigualdade se decompõe pelas diferentes tarefas (e pacotes de tarefas).

Se a média da incoerência feminina e a média da incoerência masculina são idênticas, o mesmo não sucede com a média da desigualdade. Mesmo com a maior delegação de algumas tarefas em empregadas domésticas, que diferencia os casais masculinos dos femininos, o nível da desigualdade entre a participação de cada um dos membros do casal é maior nos casais masculinos do que nos casais femininos.

Os casais masculinos permitem ilustrar com enorme clareza que quanto menor a incoerência nas versões, maior a desigualdade a que essa percepção da realidade se refere. Esta relação quase linear, observada também no caso das mulheres mas com mais excepções, pressupõe que é a desigualdade que causa a coerência ao nível das percepções das práticas. Isto é, a desigualdade é mais gritante, mais visível, negociada, e faz com que esteja presente em ambas as consciências dos membros do casal. Alguns estudos sublinham o carácter tácito, rotineiro e não negociável das desigualdades de participação nas tarefas domésticas em casais heterossexuais. Nos casais entrevistados, a constatação da desigualdade é consensual, é apontada de forma idêntica pelos dois membros do casal. A construção desta desigualdade é interna ao casal, é de nível mais micro, ao contrário do que parece ocorrer com os casais heterossexuais, cuja construção de diferença cultural entre os sexos é de nível estrutural.

Figura 4. Incoerência entre as versões dos dois membros do casal sobre a proporção da participação de cada um nas 10 tarefas consideradas e nível de desigualdade das percepções sobre a própria participação



Pacotes de tarefas: especializações e polivalências

Para aí há um mês atrás, ela chegou a casa e disse que tinha fome e que eu não tinha feito o jantar. Eu disse que não me sentia bem. Mas ela disse que tinha fome e não sei o quê mas eu disse que não me sentia bem... Passado um bocado ela disse: “isso é fita”. Mas fomos ver e eu estava com febre e realmente depois tive muito doente durante duas semanas. Acho que essa foi realmente a única altura em que houve assim mais chatice por eu não fazer as obrigações...

Vera, 24 anos, estudante de Serviço Social, 2 anos de relação conjugal com Rute

Por vezes o que define o desequilíbrio ou injustiça na distribuição das tarefas no casal é um reflexo do tipo de tarefas efectuadas por um e outro membro do mesmo. É sobejamente conhecido que as mulheres efectuam mais as tarefas de cozinhar, limpar, lavar, cuidar da roupa e fazer compras (Baxter, 2000; Bianchi, em Amâncio, 2007, entre outros), e os homens as actividades mais esporádicas e limpas, relacionadas com manutenção e gestão de pagamentos e outras burocracias. Sendo assim, as mulheres tendem a fazer, muito mais do que os homens, actividades de que (tal como os homens) não gostam particularmente como, por exemplo, as limpezas (Berkel e De Graff, 1999; Milkie e Peltola, 1999). Em contrapartida, os homens não fazem muito mais do que as mulheres (partilhando quando muito de forma igualitária) as tarefas

com potencial de serem consideradas prazerosas por ambos (como cozinhar e fazer as compras) (Baxter, 2000; Bianchi, em Amâncio, 2007).

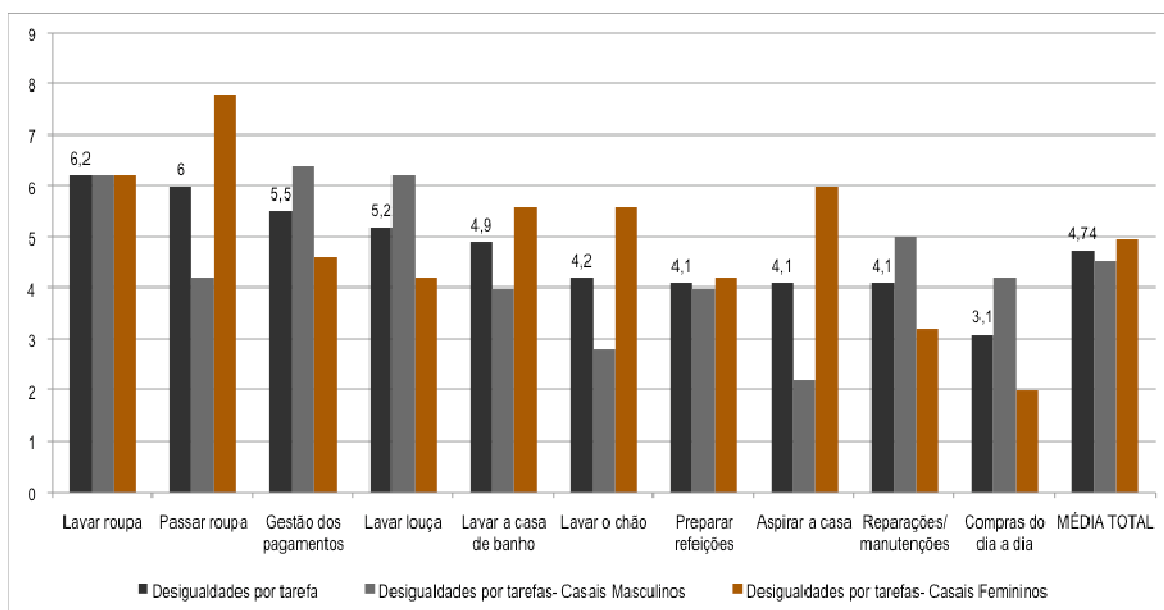
Como é que esta divisão sexual do trabalho doméstico se transfere para as relações homossexuais? A figura 5 elucida as formas como as tarefas são partilhadas por ambos os membros do casal ou seleccionadas por um. De forma meramente descritiva, podemos verificar que a média da desigualdade por tarefa raramente representa uma equivalência de comportamento entre os casais lésbicos e os casais *gay*. Podemos também desde já referir que os níveis de desigualdade mais elevados são os que se referem a lavar e passar a roupa, à gestão dos pagamentos e a lavar a louça, e que os níveis de desigualdade mais baixos são os que se referem às compras do dia-a-dia, reparações/manutenções, aspirar a casa e preparar refeições.

De uma maneira geral, podemos referir que a média da desigualdade de participação das mulheres nas várias tarefas é ligeiramente mais elevada do que a dos homens, o que denuncia uma mais elevada especialização por parte destas em determinadas tarefas. Os casais femininos parecem assentar a sua organização numa complementaridade de papéis mais igualitária, e os casais masculinos ora numa complementaridade de papéis pouco igualitária (desequilibrada em termos de número de tarefas para cada membro) ora numa tentativa de equivalência de papéis. O que é de sublinhar é o facto de em nenhum dos casais do mesmo sexo se detectar a tendência maioritária para uma equivalência de papéis na esfera doméstica. A excepção refere-se à realização das compras do dia-a-dia, indicada muitas vezes como uma tarefa que é feita em conjunto.

Nos casais femininos há, então, a tendência para uma especialização em tarefas que no caso dos casais masculinos são algumas vezes alvo de delegação, como passar a roupa, lavar a casa de banho, aspirar a casa e lavar o chão. A vontade de delegar estas tarefas não foi manifestada por parte destas mulheres, que chegam por vezes a considerá-la contraditória com a sua ética de poupança e consumo, ao contrário de outros casais masculinos, que expressam o desejo que poder delegar este tipo de tarefas. As mulheres tendem mais a considerar a delegação destes serviços um luxo e a sua execução uma banalidade necessária, o que, apesar de corroborar alguns dos estudos já referidos, neste caso pode também associar-se à maior juventude e instabilidade profissional/financeira destas entrevistadas em particular. Tratando-se das tarefas menos prazerosas, o princípio é distribuir responsabilidades a cada um dos membros, que por sua vez se especializam através deste processo.

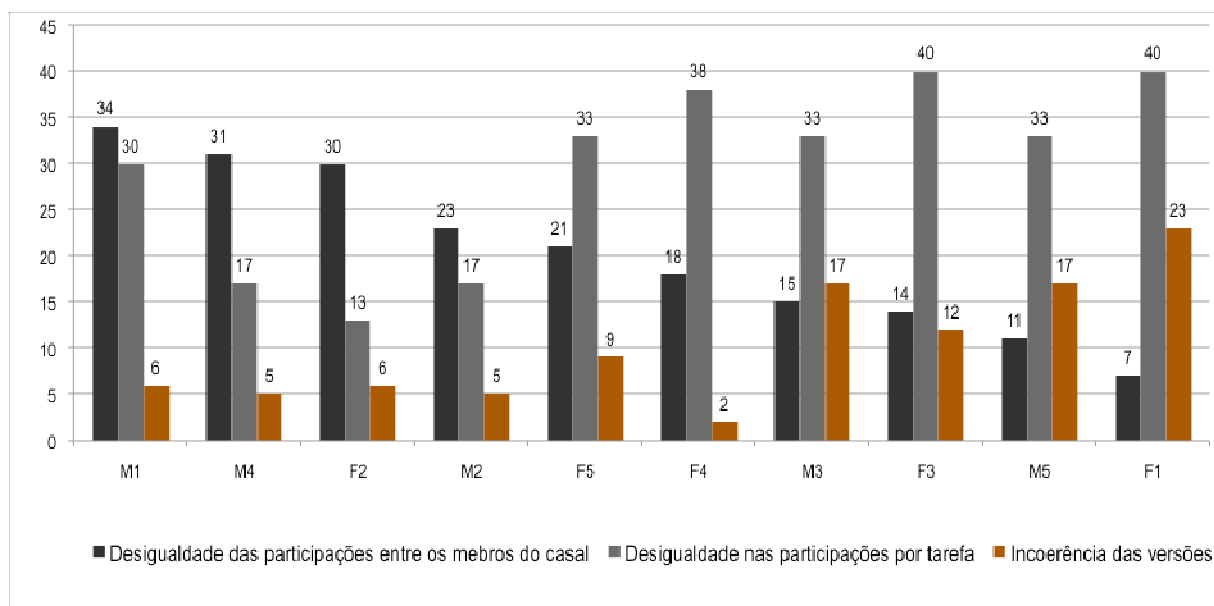
Sendo a desigualdade de participação nas tarefas mais elevada no caso dos casais masculinos, seria, então, de esperar que em todas as tarefas não delegadas a desigualdade seja maior nos homens do que nas mulheres, como são exemplo as tarefas de gestão dos pagamentos, lavar a louça, reparações/manutenções e compras do dia-a-dia.

Figura 5. Participação de homens e de mulheres nas tarefas domésticas e desigualdade do casal, por tarefa



Qual a relação entre desigualdade de participação e especialização em tarefas? Independentemente do sexo dos membros do casal, o que se verifica, com a ajuda da figura 6, é que a valores baixos de desigualdade de participação correspondem níveis de desigualdade nas participações por tarefa geralmente elevados. Esta relação parece apontar neste sentido: quanto maior a especialização de cada um dos membros do casal, isto é, quanto mais complementares os seus papéis, mais equilibrada é a distribuição das tarefas. Contudo, tal só seria linear se todas as tarefas tivessem a mesma frequência e correspondessem a níveis equivalentes de sujidade, por um lado, ou potencial prazer, por outro. A especialização dos membros do casal *per se*, poderá não ser indicador de equilíbrio mas, pelo contrário e como acontece nas relações heterossexuais, indicador de sobrecarga de um dos membros nas tarefas mais frequentes, mais sujas e menos prazerosas.

Figura 6. Desigualdade das participações, desigualdade por tarefas e incoerência das versões dos casais



Para testar esta hipótese, tentou-se identificar os “pacotes” de tarefas implicados nesta aparente “especialização” ou complementaridade de tarefas. O que se verificou é que, tal como nos casais heterossexuais, quem no total faz menos tarefas participa mais em tarefas mais prazerosas, como preparar as refeições e fazer as compras do dia-a-dia (tarefas que para além disso são muitas vezes alvo de equivalência e simultaneidade de papéis).

Talvez as únicas exceções (à regra heteronormativa) sejam as duas tarefas relacionadas com roupa, habitualmente remetidas para as responsabilidades femininas, como lavar e engomar. Por exemplo, engomar a roupa é tida, de forma transversal a esta amostra, como a tarefa doméstica menos prazerosa, e ao mesmo tempo parece ser mais vezes efectuada pelos indivíduos que menos tarefas fazem na esfera doméstica. Estaremos nestes casos perante uma estratégia de compensação do desequilíbrio na participação global nas tarefas? De qualquer forma, esta compensação da engomadoria pode não ser o suficiente para o equilíbrio entre os membros do casal, dado que a estratégia utilizada por muitos casais é a de, regra geral, não engomar a roupa abrindo excepção apenas para algumas peças. Nesses casos, cada membro passa a sua própria roupa. No limite, esta passou a ser uma tarefa que deixou de ser doméstica (da casa) para passar a ser individual (da roupa de cada um).

Vejamos agora como os próprios justificam a distribuição já analisada, dando sentido à mesma. Analisar-se-ão de seguida os discursos dos entrevistados, tomando como unidade de análise o indivíduo (ainda que contextualizado no casal), no que se refere à justificação da distribuição e percepção de justiça face à mesma.

JUSTIFICAÇÕES, NEGOCIAÇÕES E CRITÉRIOS PARA A DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS

No início eu tinha que ter a sensibilidade de que ele estava na minha casa e de quando tu dizes a alguém na tua casa para ir arrumar uma coisa, pões essa pessoa a sentir-se mal. Ele às vezes dava a desculpa, tipo eu dizia-lhe para ele arrumar umas coisas e ele dizia: “eu não me sinto à vontade para arrumar porque as coisas são tuas” e eu achava aquilo uma treta! E dizia-lhe: “Podes arrumar na mesma, não tem mal nenhum. Mas quando formos para a nossa casa eu vou ver se é assim ou não!” E quando fomos, ao início foi muito bom, agora já não é bem assim...

César, 32 anos, engenheiro informático, 5 anos de relação conjugal com Mário

Os critérios geralmente detectados nas relações heterossexuais para a fraca participação dos homens nas tarefas domésticas são, segundo o que é referido pelos próprios homens:

- Padrões menos elevados de limpeza e de arrumação (Baxter, 2000; Bittman e Lovejoy, 1993);
- Incompetência dos próprios e elogios à competência das mulheres (Baxter, 2000);
- Maiores rendimentos (Baxter, 2000);
- Maiores investimentos de tempo na actividade profissional (Baxter, 2000);
- Selecção das tarefas que gostam mais (Berkel e De Graff, 1999);
- Negligência face à contabilização do que a mulher realmente faz (Bittman e Lovejoy, 1993).

Os entrevistados deste estudo foram capazes de justificar, com base necessariamente em aspectos não relacionados com o sexo biológico, o porquê da distribuição das tarefas, quer a considerem justa ou não. Vejamos então, na tabela seguinte, como os vários contributos anteriormente mencionados emergem na tipologia das justificações nos casais homossexuais.

Tabela 4. Distribuição dos entrevistados pelas estratégias e critérios utilizados na organização do trabalho doméstico

Estratégias	Critérios			
	Gosto pela tarefa	Desprazer na tarefa	Competência ou afinidade na tarefa	Propriedade da casa
Apropriação por um dos membros			M4, M5, F1	M4
Equivalência de papéis	M2	M1, M3, M5, F2		
Complementaridade de papéis	M1, M3, F1, F2, F3, F5	M5, M3, F1, F2, F3, F4, F5	M2, M3, F3, F4	
Delegação		M2, M4		

A tabela organiza então os casais por quatro tipos de estratégias para a distribuição e critérios utilizados para a sua adoção. Utilizam-se e adaptam-se aqui conceitos mencionados por Aboim (2005: 256): o da equivalência de papéis e o da complementaridade de papéis. São adaptados ao serem circunscritos à esfera privada e doméstica, ao invés de dizerem respeito à dinâmica entre a esfera privada (doméstica e conjugal) e a esfera pública (profissional). Assim, por um lado, a equivalência de papéis refere-se a tarefas em que os dois elementos do casal participam em igual medida e/ou simultaneamente e/ou despendem nelas o mesmo tempo, e a complementaridade de papéis, por outro lado, refere-se situações em que em que cada membro do casal se especializa em determinadas tarefas e raramente desempenha funções fora delas. A delegação refere-se a situações em que determinadas tarefas são, de comum acordo, delegadas em empresas ou pessoas de serviços domésticos. Por fim, a apropriação refere-se a situações em que um dos membros do casal se responsabiliza por uma determinada tarefa, acabando por expulsar o parceiro dessa esfera ou ilibando-o dessa responsabilidade. Esta estratégia é utilizada pelos indivíduos com um elevado grau de perfeccionismo relativamente à arrumação e limpeza da casa, que aliás tendem sempre a fazer mais tarefas (independentemente de serem aquelas que consideram mais prazerosas) e independentemente do sexo dos indivíduos.

Um aspecto que vale a pena sublinhar é que as estratégias são como ideais-tipo, a realidade é obviamente mais fluida. As estratégias conjugam-se e não são auto-exclusivas, como vemos na tabela 4. O mesmo casal pode utilizar várias estratégias e vários critérios.

Independentemente da sua conjugação com outras estratégias e da multiplicidade de critérios no seu interior, a estratégia mais comum e, aliás, transversal aos casais dos dois

sexos, é a da complementaridade de papéis; seguida da estratégia de equivalência de papéis (identificada em metade dos casais aqui considerados e na quase totalidade masculinos). As estratégias de delegação e de apropriação são pouco comuns mas quase sempre mobilizadas por casais masculinos.

Por outro lado, se tivermos em conta os critérios utilizados para justificar a estratégia seleccionada, detectamos quatro. Um deles é o gosto por determinada tarefa. Nestes casos, se o gosto por determinada tarefa é partilhado por ambos os membros do casal, ambos se apropriam dela separada ou simultaneamente (dando origem a uma equivalência de papéis), por outro lado, se apenas um dos membros do casal tem gosto por uma determinada tarefa, então apenas ele a desempenha (dando origem a uma complementaridade de papéis) ilustrada na seguinte citação:

Acabamos por partilhar e temos o hábito de, quando temos tempo ou estamos de férias, cozinhamos em conjunto. Muitas vezes preparamos jantares para nós os dois. É uma coisa um bocado esquisita [risos]. Com dois pratos inclusive. Tipo, tu tratas do prato do peixe e eu vou tratar o prato de carne. Eu faço a sobremesa e tu a entrada. [...] Isso acontece e são horas muito agradáveis. Acabamos por estar ali a dar palpites no prato do outro. É engraçado. Se calhar é nas tarefas que rondam a cozinha que nós temos mais afinidade e estamos mais a fazê-las em conjunto.

Mário, 35 anos, enfermeiro e professor, 5 anos de relação conjugal com César

Um outro critério é o oposto do mencionado, isto é, ter desprazer por determinada tarefa. Nestes casos, quando ambos os cônjuges não gostam de determinada tarefa, então ambos a fazem, geralmente ao mesmo tempo (equivalência de papéis). Quando apenas um não gosta dessa determinada tarefa, fica decidido tácita ou explicitamente que o outro se encarregará dela. Este critério pode ser ilustrado com o testemunho seguinte:

Não gosto de estender a roupa mas gosto de apanhar, então ela estende e eu apanho. Ela não gosta de limpar a areia dos gatos e de limpar a porcaria que eles fazem e eu até nem me importo. E ela às vezes oferece-se e diz: “eu lavo a loiça e eu estendo a roupa se tu tratares da areia dos gatos!” E eu começo a pensar: “isto demora menos tempo...” e então digo: “está bem!”. Então eu acabo por ficar com os gatos e ela fica com a cozinha. Que fixe! Às tantas já eu me despachei dos gatos e ainda está lá ela, mas olha, ela é que quis...

Cecília, 23 anos, estudante e empregada de charcutaria, 3 anos de relação conjugal com Margarida

Já a especial competência ou afinidade por determinada tarefa (argumento geralmente utilizado na negativa, isto é, quando um membro do casal alega não ter especial competência para uma tarefa, o outro encarrega-se dela) é um critério raro mas ainda assim presente nas narrativas recolhidas (como podemos ver no caso da Carolina). Associado à incompetência nas tarefas domésticas está o outro critério apontado por Baxter (2000), o elogio à competência ou naturalidade com que o cônjuge executa essa mesma tarefa.

O incenso caiu para fora e sujou lá uma cadeira e eu passei lá três dias e olhava para aquilo e... Eu reservo na cabeça: “depois tenho que ir limpar aquilo” mas não vou. E a Carla fica parva: “Carolina, já passaste aqui não sei quantas vezes!! Como é possível? É tão fácil, é só chegar aqui!”. E ela vai naturalmente, nem sequer pensa, ela nem está a pensar, ela está a pensar noutra coisa qualquer e as mãos dela vão lá arrumar e as minhas não vão... Essa é uma zona de conflito agora principalmente porque ela também se começa a cansar porque ela é muito mais organizada e é óbvio que depois começa a cair tudo para cima. E eu percebo perfeitamente e tento ser mais organizada mas é mesmo muito difícil.

Carolina, 26 anos, bailarina e professora, 5 anos de relação conjugal com Carla

E, por fim, um último critério, o da propriedade (em que quem for o “dono” da casa é quem assume mais responsabilidades domésticas), facilmente detectado no testemunho do Edgar:¹³

Sou eu que faço quase tudo: primeiro porque eu estou na minha casa, logo aí... Mas mesmo quando eu estou na casa dele... sou um bocado eu mas aí eu já desligo um bocado que é para obrigá-lo a fazer porque acho que ele também deve fazer. Mas a maioria das coisas sou eu que faço. [...] O cão é meu e como ele [o André] é preguiçoso, ele não quer fazer, então ele diz que o cão é meu e pronto.

Edgar, 43 anos, delegado de informação médica, 10 anos de relação conjugal com André

O critério mais comum é o do desprazer por determinadas tarefas, seguido pelo seu oposto, especial gosto por determinadas tarefas (argumento mais frequentemente utilizado

¹³ Foi realizada uma entrevista a um membro feminino de um casal, com dois filhos de um casamento heterossexual anterior. A divisão das tarefas também se baseava especialmente neste critério de propriedade da casa. Relativamente ao cuidado com os filhos, era assumida a total responsabilidade pela mãe das crianças, sendo o papel da companheira apenas o de “ajudar”, sem qualquer obrigação inerente. Esta entrevista não foi utilizada por só se ter conseguido entrevistar um membro do casal.

para justificar – ou mitigar – a divisão das tarefas domésticas em casais heterossexuais). O critério do desprazer por uma determinada tarefa mobiliza muitas vezes outras justificações, aliás utilizadas pelos homens em relações heterossexuais, como a maior competência do outro elemento do casal para essa tarefa ou a maior tolerância à sujidade e desarrumação.

Entre critérios e estratégias, as combinações mais comuns são as estratégias de complementaridade baseada no desprazer da tarefa, seguida da complementaridade baseada no gosto pela tarefa, utilizadas, aliás, em metade dos casais, de forma combinada (a maior parte das vezes pelos casais femininos).

Eu detesto dobrar roupa e todo o processo de lavagem de roupa e essas coisas e acho que o Ricardo gosta. Ele gosta de aspirar e de limpar o pó e eu detesto esse tipo de coisas. Eu gosto mais de cozinhar ou de limpezas com água, lavar a louça ou a casa de banho. Eu como também tenho alergia aos ácaros, acho que há uma divisão natural em eu fazer mais as coisas com água, apesar de ele também fazer.

Vicente, 28 anos, bolseiro de investigação, 4 anos de relação conjugal com Ricardo

O que eu faço, que eu gosto mesmo, é cozinhar. E nesse aspecto, como a Carla não gosta muito, estamos perfeitas para isso. Nesse aspecto é mesmo acordo mútuo, foi natural, nem sequer se falou.

Carolina, 26 anos, bailarina e professora, 5 anos de relação conjugal com Carla

A equivalência de papéis (baseada no gosto mas especialmente no desprazer pela tarefa) reúne mais casais masculinos mas níveis de desigualdade variados. Já a delegação e a apropriação, mais raras, concentram mais casais masculinos e, entre estes, aqueles que apresentam níveis de desigualdade mais elevados.

PERCEPÇÃO DA JUSTIÇA E NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A DISTRIBUIÇÃO

Existem, como vimos, várias justificações para a distribuição do trabalho doméstico e é visível uma variedade de critérios ao seu serviço. Relativamente às combinações de percepção de justiça com nível de satisfação com a organização do trabalho doméstico, desenham-se três. De sublinhar, antes de mais, que, mesmo quando o nível de desequilíbrio é assumido e a injustiça apontada, a tendência é para afirmar a satisfação com a situação actual (mesmo que se assuma que essa satisfação ainda podia ser mais elevada).

Uma destas combinações, a que concentra mais casais,¹⁴ é a do nível de satisfação elevado e percepção de apropriada justiça na distribuição do trabalho doméstico. Este nível de satisfação e justiça é o predominante nas estratégias de complementaridade, sendo esse precisamente o argumento, juntamente com a flexibilidade, que é dado pelos entrevistados para justificar a percepção da distribuição como justa. Ou seja, segundo os entrevistados, a distribuição, relativamente às tarefas propriamente ditas, é justa porque permite a cada elemento do casal fazer o que mais gosta entre as tarefas domésticas, e demitir-se de fazer as que não gosta, e é justa, relativamente ao tempo que cada membro do casal perde com elas, porque reflecte a disponibilidade de cada um. O princípio subjacente à justiça desta distribuição é adaptar-se aos gostos estruturais e às rotinas e circunstâncias de cada um dos membros do casal. A atribuição de papéis domésticos específicos a cada qual surge como uma forma de respeito pela individualidade de cada um dos cônjuges. Baseia-se, portanto, na interferência que os gostos, estilos de vida e horários profissionais exercem na organização da vida doméstica e não, como parece ocorrer nos casais heterossexuais, na interferência do regime de género e dos estereótipos de género nessa mesma organização. Isto é, na individualidade referida anteriormente não se inclui a característica do “sexo” dos indivíduos. Confirmando-se a conclusão de Patterson (2000, em Kurdek, 2005: 252) já referida, de que os cônjuges homossexuais, com base nos interesses, competências e horários do parceiro, especializam-se em determinadas tarefas (não necessariamente associadas a tarefas femininas e a tarefas masculinas), tendo como objectivos a eficiência e a justiça da distribuição das tarefas domésticas. É, então, na justificação não de que tarefas são feitas mas na justiça dessa distribuição que os argumentos relacionados com o investimento na esfera profissional e eventualmente na felicidade ou remuneração que esta proporciona são mobilizados.

¹⁴ Casais identificados como M1, M3, M5, F2, F5.

Nos testemunhos recolhidos é possível reificar esta mesma ideia. A distribuição das tarefas é a “natural” e a “possível”.

São coisas que tu tens que fazer. Se um tem tempo faz, se o outro não tem tempo não faz.

Patrício, 30 anos, estudante e operador de *help desk*, 3 anos de relação conjugal com Henrique

É absolutamente compreensível entre as partes que se hoje um não quer, não lhe apetece ou está mal disposto, depois o outro faz. Resolve-se sempre assim.

Leonardo, 52 anos, empregado administrativo, 15 anos de relação conjugal com Adriano

Agora temos conseguido equilibrar. Mas agora que eu vou passar mais tempo em casa, até Setembro, no meu ponto de vista eu tenho que fazer mais.

Margarida, 26 anos, professora de Inglês, 3 anos de relação conjugal com Cecília

Não é justa nem deixa de ser justa, é a forma que temos no pouco tempo que temos!

Sofia, 32 anos, professora de Educação Física, 1 ano de relação conjugal com Sara

Uma segunda combinação é a de alguma insatisfação por parte de pelo menos um dos membros do casal, acompanhada pelo reconhecimento, por ambos, do desequilíbrio de investimento (no que se refere ao tempo, iniciativa e/ou ao tipo de tarefas). Este reconhecimento do desequilíbrio no investimento é gerido, na maior parte dos casos, com algum conformismo pelo membro que mais investe, e por aquele que menos investe com algum desejo de mudança de comportamento associado à consciência do desequilíbrio, lembrada e oferecida pelo parceiro. O caso do César ilustra o relativo conformismo e os casos do Mário e da Carolina o sentimento de relativa culpa associada à vontade de mudar:

Eu já não sou tão exigente. Há coisas que antes me irritavam. Como ele já não está tão... Acho que as coisas acontecem mais naturalmente, o arrumar as coisas...

César, 32 anos, engenheiro informático, 5 anos de relação conjugal com Mário

Se pudesse alterava em mim mesmo, que sou mais preguiçoso nesse aspecto. Participava mais se pudesse alterar alguma coisa.

Mário, 35 anos, enfermeiro e professor, 5 anos de relação conjugal com César

Eu acho que devia arrumar mais a casa, acho que não é nada justo nesse aspecto. Acho que devia ser mais organizada, mais metódica.

Carolina, 26 anos, bailarina e professora, 5 anos de relação conjugal com Carla

A terceira e última combinação encontrada é aquela em que se manifestou o maior nível de incoerência entre as versões sobre a participação de cada um dos membros do casal. Esta descoincidência de percepções reflecte-se igualmente numa descoincidência de percepções de justiça e de satisfação face a ela. Vejamos quão diferentes são as posturas de dois membros do mesmo casal face à percepção de justiça da distribuição de tarefas (baseada na complementaridade de papéis):

Acho que é a mais justa, acho que está igualmente dividido e acho que é o que tem mais a ver com os nossos feitios, por exemplo, o ela ir tratar de algumas coisas que eu não dava para tratar e ao facto de eu ir ralar com as pessoas, também ela não dá para isso portanto eu acho que há um equilíbrio nesse sentido.

Andreia, 20 anos, estudante, 2 anos de relação conjugal com Matilde

Punha a Andreia a fazer aquilo que para mim é básico. Do género, pôr a roupa, quando se tira, no sítio e coisas assim.// Neste sentido não [é justa]. A distribuição é justa na teoria, agora na prática as coisas são bastante diferentes.

Matilde, 20 anos, estudante e empregada de balcão, 2 anos de relação conjugal com Andreia

5. Orientações sexuais e socializações de gênero: efeitos na vida doméstica

A família de origem sempre foi um recurso sociológico importante na busca de compreensão das práticas e valores dos indivíduos. Se comumente a sociologia se centra nos lugares que os agregados domésticos ocupam na estrutura de classes, nesta pesquisa pareceu-nos importante investir igualmente em informação, ainda que em retrospectiva, acerca das práticas ao nível das tarefas domésticas, bem como das estratégias educativas levadas a cabo junto dos filhos e filhas (os nossos entrevistados).

Se tivermos em consideração a idade dos entrevistados, rapidamente percebemos que a informação recolhida, sobretudo a que se refere às famílias de origem dos homens, remete muitas vezes para gerações que experienciaram contextos socioculturais bem diferentes dos actuais. Assim, será mais fácil perceber porque os entrevistados caracterizam, com frequência, as famílias de origem como “tradicionais” ou “conservadoras”. No que toca à esfera doméstica, estamos maioritariamente perante famílias em que a execução das tarefas, aqui implicadas, está/estava exclusivamente ao cargo das mulheres (13 em 19 famílias). Curiosamente, entre as famílias das entrevistadas encontramos já alguns modelos familiares pautados por alguma partilha dos afazeres domésticos entre pai e mãe, ainda que desequilibrada. Este desequilíbrio pode reflectir-se numa maior sobrecarga em termos de tempo, ou tipo de tarefas, para as mulheres e nunca para os homens. A diferença, ainda que ligeira, entre as famílias de origem das entrevistadas e dos entrevistados reflectirá, mais uma vez, a diferença geracional que se adivinha entre elas; e constitui um indicador positivo de mudança, reflexo com certeza da progressiva entrada das mulheres no mercado de trabalho e consequente entrada dos homens no universo privado (ainda que se possa apontar um desfasamento entre os dois movimentos, vislumbrar mudanças e permanências) (Wall, 2006; Aboim, 2006; Mendes, 2007; Guerreiro *et al.*, 2008).

Nas palavras dos entrevistados, deixam-se exemplos de famílias com modelos de divisão das tarefas domésticas menos e mais justos, respectivamente:

Eu nasci no meio de uma família... tradicional. A minha mãe era professora e na altura em que se casou teve que deixar a actividade porque o meu pai achava que a mulher tem que estar em casa a cuidar do marido e a tratar dos filhos. A minha mãe assumiu isso como uma verdade incontestável e inquestionável e assim foi. Dedicou-se a 100% a trabalhar em casa,

digamos assim. A trabalhar para o marido e para os filhos, digamos assim. [...] Aprendi a cozinhar, aprendi a limpar a casa e a tratar de alguma roupa.

Mário, 35 anos, enfermeiro e professor, 5 anos de relação conjugal com César

Em casa da minha mãe era tipo... ela lava e passa e faz tudo. Arruma tudo. Ela reclama mas faz tudo. // A nível de arrumações é a minha mãe que faz tudo. // Até escolher a roupa para o meu pai. Ele pergunta-lhe: o que é que fica bem com isto, o que é que fica bem com aquilo? É a minha mãe que faz essas coisas todas. Ao nível da comida é o meu pai que cozinha quase sempre.

Sara, 27 anos, estudante, operadora de *help desk* e professora de gimno-desportiva, 1 ano de relação conjugal com Sofia

Por acaso os meus pais dividiam. // A minha mãe fazia mais porque ela às vezes queria. Há aquela questão do perfeccionismo. Também dependia de quem trabalhava mais [fora de casa]. Quando a minha mãe trabalhava mais, houve momentos em que isso aconteceu, o meu pai também trabalhava mais. Mas normalmente eles dividiam muito. O meu pai dava de comer aos meus irmãos quando eles eram bebés. Só não amamentava porque não podia. E normalmente dava banho. Normalmente eles não discutiam muito por isso.

Margarida, 26 anos, professora, 3 anos de relação conjugal com Cecília

Se, entre os pais dos entrevistados a divisão das tarefas domésticas era mais ou menos ausente, o mesmo já não se passa quando a unidade de observação são as fratrias. Ou seja, geralmente, o homem adulto não estava implicado na realização das tarefas domésticas, mas os filhos (especialmente as filhas) sim.¹⁵ Foi referida com bastante frequência entre os entrevistados a pressão da matriarca, responsável pela gestão/organização do universo doméstico, para que a geração dos descendentes aprendesse e/ou colaborasse na *lida da casa*. Contudo esta estratégia educativa variava na maior parte dos casos em função do sexo dos descendentes. Na tabela seguinte podemos perceber que entre as mulheres entrevistadas a aprendizagem e colaboração nas tarefas domésticas em casa dos pais é ligeiramente mais

¹⁵ Veja-se, a título ilustrativo da ideia, o seguinte relato: “A minha mãe sempre me deu a ideia de que a casa tem que estar arrumada, mas nunca tentou que fosse eu a fazer, ela nunca disse: dá-me aqui uma ajuda. // O meu pai é que manda umas bocas: devias ajudar a tua mãe.” (Vera, 24 anos, estudante de Serviço Social, 2 anos de relação conjugal com Rute)

frequente do que no caso dos homens entrevistados. Mais importante do que isso é o tipo de tarefas domésticas que são discriminadamente atribuídas a uns e a outros. Se às filhas se exige a participação em qualquer tipo de tarefa a executar, inclusive as menos prazerosas, as exigências colocadas aos filhos são, por vezes, bastante menos elevadas (e nunca o contrário). Repare-se no seguinte discurso, bem representativo dos encontrados entre os entrevistados homens:

Eu no meu caso, enquanto vivi com os meus pais fazia muito pouco em termos de tarefas domésticas. Eu ia buscar as compras. // Tinha as minhas duas irmãs, a minha mãe que assumiam muito as tarefas domésticas. Eu lavava o quintal, que era só dar uma mangueirada e aspirava e ia buscar as compras.

Henrique, 30 anos, recepcionista, 3 anos de relação conjugal com Patrício

Se quer que lhe diga, aprendi a cozinhar porque a minha mãe é muito boa cozinheira. A passar a ferro nunca aprendi. Lavar a roupa também nunca aprendi. Praticamente foi a cozinhar que aprendi.

André, 42 anos, bancário, 10 anos de relação conjugal com Edgar

Por sua vez, os discursos das entrevistadas diferem bastante do anterior, permitindo acompanhar, ao jeito de Bourdieu, a forma como as estruturas podem ser equacionadas como elementos estruturantes da acção.

Acho que aprendi a fazer tudo, apesar de termos empregada. A minha mãe, principalmente a minha avó, sempre tentou ensinar a fazer tudo para um dia que estivesse sozinha conseguir fazer as coisas sozinha também.

Matilde, 20 anos, estudante e empregada de balcão, 2 anos de relação conjugal com Andreia

Dada a exigência que sobre elas recai, foi frequente entre os seus discursos o desabafo acerca da “ditadura das tarefas domésticas” levadas a cabo pelas respectivas mães. Este aspecto não apareceu nos discursos dos entrevistados, que revelam um passado menos “pesado” em relação às tarefas domésticas.

A minha mãe era muito rígida na arrumação da casa e às vezes fico a pensar se o facto de eu ter esta alergia a este quotidiano de arrumar a casa, vem daí... Tipo: "Não vais ali porque é dia de arrumar a casa e acabou!" E por isso ganhei um pouco de aversão a alguém dizer-me: "Tens que arrumar a casa." Porque eu até gostava de arrumar a casa se fosse eu a decidir.

Carolina, 26 anos, bailarina e professora, 5 anos de relação conjugal com Carla

Eu e o meu irmão somos gémeos... Tínhamos obrigações diferentes, acho que é o normal. O meu irmão até aos 20 anos era um miúdo muito caseiro. Estava sempre enfiado no computador e depois é que começou a ficar mais bon vivant. Eu sentia-me muito quando era adolescente e chateava-me com a minha mãe. Eu tinha que lavar a louça e o meu irmão não porque era rapaz. Ou não limpava porque era rapaz. Não passava a ferro porque era rapaz.

Sofia, 32 anos, professora, 1 ano de relação conjugal com Sara

Ora, mais do que condicionar a divisão das tarefas domésticas nas relações amorosas experienciadas, a socialização familiar parece contribuir mais para uma maior reflexividade no caso das mulheres entrevistadas do que no caso dos homens. Os discursos científico e político poderão igualmente funcionar como elementos potenciadores de disposições mais atentas à justiça da divisão das tarefas domésticas e inconformidade perante o desequilíbrio dos investimentos entre os membros dos casais.

Tabela 5. Caracterização dos entrevistados face à família de origem (nível de distribuição das tarefas domésticas entre os progenitores), e face à socialização para as tarefas domésticas

Casal	Nome fictício	Idade	Família de origem	Socialização	Mais tarefas	Nível de discrepância	Nível de incoerência																																																																																																								
M1	HENRIQUE	30	●	●	Patrício	23	6																																																																																																								
	PATRÍCIO	30	●	●				M2	CÉSAR	32	-	●	César	31	5	MÁRIO	35	●	●	M3	VICENTE	28	●	●	Ricardo	34	17	RICARDO	28	●	●	M4	EDGAR	43	●	●	Edgar	15	5	ANDRÉ	42	●	●	M5	LEONARDO	52	●	●	Adriano	11	17	ADRIANO	52	●	●	F1	ANDREIA	20	●	●	Andreia	18	23	MATILDE	20	●	●	F2	CECÍLIA	23	●	●	Margarida	30	6	MARGARIDA	26	●	●	F3	CAROLINA	26	●	●	Carla	21	12	CARLA	38	●	●	F4	VERA	24	●	●	Vera	14	2	RUTE	22	●	●	F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9
M2	CÉSAR	32	-	●	César	31	5																																																																																																								
	MÁRIO	35	●	●				M3	VICENTE	28	●	●	Ricardo	34	17	RICARDO	28	●	●	M4	EDGAR	43	●	●	Edgar	15	5	ANDRÉ	42	●	●	M5	LEONARDO	52	●	●	Adriano	11	17	ADRIANO	52	●	●	F1	ANDREIA	20	●	●	Andreia	18	23	MATILDE	20	●	●	F2	CECÍLIA	23	●	●	Margarida	30	6	MARGARIDA	26	●	●	F3	CAROLINA	26	●	●	Carla	21	12	CARLA	38	●	●	F4	VERA	24	●	●	Vera	14	2	RUTE	22	●	●	F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9	SARA	27	●	●								
M3	VICENTE	28	●	●	Ricardo	34	17																																																																																																								
	RICARDO	28	●	●				M4	EDGAR	43	●	●	Edgar	15	5	ANDRÉ	42	●	●	M5	LEONARDO	52	●	●	Adriano	11	17	ADRIANO	52	●	●	F1	ANDREIA	20	●	●	Andreia	18	23	MATILDE	20	●	●	F2	CECÍLIA	23	●	●	Margarida	30	6	MARGARIDA	26	●	●	F3	CAROLINA	26	●	●	Carla	21	12	CARLA	38	●	●	F4	VERA	24	●	●	Vera	14	2	RUTE	22	●	●	F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9	SARA	27	●	●																				
M4	EDGAR	43	●	●	Edgar	15	5																																																																																																								
	ANDRÉ	42	●	●				M5	LEONARDO	52	●	●	Adriano	11	17	ADRIANO	52	●	●	F1	ANDREIA	20	●	●	Andreia	18	23	MATILDE	20	●	●	F2	CECÍLIA	23	●	●	Margarida	30	6	MARGARIDA	26	●	●	F3	CAROLINA	26	●	●	Carla	21	12	CARLA	38	●	●	F4	VERA	24	●	●	Vera	14	2	RUTE	22	●	●	F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9	SARA	27	●	●																																
M5	LEONARDO	52	●	●	Adriano	11	17																																																																																																								
	ADRIANO	52	●	●				F1	ANDREIA	20	●	●	Andreia	18	23	MATILDE	20	●	●	F2	CECÍLIA	23	●	●	Margarida	30	6	MARGARIDA	26	●	●	F3	CAROLINA	26	●	●	Carla	21	12	CARLA	38	●	●	F4	VERA	24	●	●	Vera	14	2	RUTE	22	●	●	F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9	SARA	27	●	●																																												
F1	ANDREIA	20	●	●	Andreia	18	23																																																																																																								
	MATILDE	20	●	●				F2	CECÍLIA	23	●	●	Margarida	30	6	MARGARIDA	26	●	●	F3	CAROLINA	26	●	●	Carla	21	12	CARLA	38	●	●	F4	VERA	24	●	●	Vera	14	2	RUTE	22	●	●	F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9	SARA	27	●	●																																																								
F2	CECÍLIA	23	●	●	Margarida	30	6																																																																																																								
	MARGARIDA	26	●	●				F3	CAROLINA	26	●	●	Carla	21	12	CARLA	38	●	●	F4	VERA	24	●	●	Vera	14	2	RUTE	22	●	●	F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9	SARA	27	●	●																																																																				
F3	CAROLINA	26	●	●	Carla	21	12																																																																																																								
	CARLA	38	●	●				F4	VERA	24	●	●	Vera	14	2	RUTE	22	●	●	F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9	SARA	27	●	●																																																																																
F4	VERA	24	●	●	Vera	14	2																																																																																																								
	RUTE	22	●	●				F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9	SARA	27	●	●																																																																																												
F5	SOFIA	32	●	●	Sofia	7	9																																																																																																								
	SARA	27	●	●																																																																																																											

Legenda:



Família:

● Ausência de divisão das tarefas domésticas
 ● Pouca divisão das tarefas domésticas
 ● Divisão das tarefas domésticas

Socialização:

● Não aprendeu/não participava
 ● Aprendeu algumas/participava pouco
 ● Aprendeu/participava bastante

Paralelamente, serão estes referenciais familiares e os discursos mais formais (instituições envolvidas na luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres; comunidade científica e política, etc.), para além do senso comum, que enformam a representação das relações homossexuais como mais igualitárias. Esgotam-se assim as diferenças observadas na esfera doméstica nas estruturas de género, enquanto construção social, e minimizam-se os desequilíbrios que as relações dos entrevistados por vezes engendram. Entre os 20 entrevistados, 10 referiram que dentro dos casais heterossexuais são mais frequentes os modelos de organização e distribuição das tarefas domésticas em que um

dos membros saí claramente mais penalizado, no caso, as mulheres. O contrário nunca foi referido, ou seja, referência aos casais heterossexuais como mais igualitários.

Estes dados vão ao encontro do trabalho de Kurdek (2001: 748), em que se indica, por um lado, que os casais homossexuais estão mais motivados do que os casais heterossexuais para construir ilusões positivas das suas relações e, por outro lado, no que diz respeito às tarefas domésticas, sobrestimam a igualdade na divisão das tarefas domésticas. Como vimos anteriormente, eles, mais do que elas, dizem-se satisfeitos com a divisão das tarefas domésticas, mesmo quando os níveis de desequilíbrio são em regra mais elevados.

Quando há um masculino e um feminino há coisas que estão quase implicitamente ligadas à figura feminina e à figura masculina. Aqui somos os dois masculinos, não há volta a dar. As coisas que normalmente são deixadas para a figura feminina têm que ser partilhadas pelos dois.

César, 32 anos, engenheiro informático, 5 anos de relação conjugal com Mário

Numa relação homossexual não há tanto aquela posição cultural ou social em que a mulher costuma fazer mais as coisas do que o homem, em casa. Visto que são iguais tendem a fazer as coisas da mesma forma ou usarem aquilo que aprenderam para conseguir fazer as coisas, portanto... Acho que é mais igualitário nos casais homossexuais.

Matilde, 20 anos, estudante e empregada de balcão, 2 anos de relação conjugal com Andreia

Quando se reconhece que as desigualdades na divisão das tarefas domésticas são independentes da orientação sexual dos casais (10 em 20 entrevistados), as fundamentações para esta posição divergem. Alguns entrevistados associaram diferentes justificações para os desequilíbrios na distribuição das tarefas domésticas a casais homossexuais (associadas às características, gostos e aptidões individuais) e a casais heterossexuais (estruturas sociais).

Nos meus amigos heterossexuais ainda é uma questão cultural. A mulher trata de determinadas coisas apesar de ambos estarem no mercado de trabalho e ambos estarem empregados, etc. // Nos casais homossexuais eu acho que tem um bocadinho a ver com o tipo de personalidade das pessoas e com a afinidade para determinada tarefa.

Mário, 35 anos, enfermeiro e professor, 5 anos de relação conjugal com César

Outros afirmaram que acaba por haver uma colagem aos tradicionais papéis de género, assumindo um dos membros o papel de “dona de casa”.

É igual. A ideia de que nós somos muito “bonzinhos” e que as coisas más não ocorrem... não! Somos tal como vocês frutos da mesma sociedade. // Há dentro do meu grupo uma grande percentagem que é absolutamente contra ter uma relação ou viver conjuntamente. Normalmente esses são muito críticos e partem do princípio que há sempre um a fazer as tarefas de mulher e outro que... E isso mantém-se assim. Eu não digo que é sempre. Mas há sempre num casal alguém que domina. Mesmo que isso não seja evidente.

Adriano, 52 anos, perito forense, 15 anos de relação conjugal com Leonardo

É o que a Vera diz, ela tem um homenzinho em casa. Se é preciso arranjar alguma coisa sou eu que arranjo. // É o que eu sempre disse à minha mãe: eu não tenho queda nenhuma para fada do lar. Nunca gostei. A minha mãe tentou impingir... É uma coisa que a minha mãe sabe. Ainda hoje a minha mãe sabe que se for para estar a limpar coisas, se for para esse tipo de coisas não pode contar comigo. Mas se for, como é o caso agora, ir buscar papéis, uns por causa do carro, outros para legalizar o espaço... tudo o que seja exterior eu faço.

Rute, 22 anos, estudante, 2 anos de relação conjugal com Vera

6. Apontamentos finais

O regime de género releva-se no espaço doméstico de forma persistente. Relativamente à proporção de tarefas realizadas por mulheres e homens e de uma forma muito consistente, os estudos têm demonstrado que: as mulheres perdem mais tempo nas tarefas (Baxter, 2000; Berkel e De Graff, 1999; Bianchi *et al.*, 2000; Aboim, 2006; Torres, 2004); tomam responsabilidade por um maior leque de tarefas (Baxter, 2000; Berkel e De Graff, 1999); e realizam cerca de 70% da totalidade do trabalho doméstico (Baxter, 2000). Para além da variável género, alguns estudos têm também apontado para a escolaridade (Berkel e De Graff, 1999; Torres 2004; Aboim, 2006, entre outros) e para a “informalidade” da união (união de facto *versus* casamento) enquanto factores que favorecem a igualdade de direitos e deveres no espaço doméstico (Davis *et al.*, 2007),¹⁶ pelo menos quando o referencial são as classes mais altas (Aboim, em Wall, 2005: 109). Serão os casais entrevistados reflexo desta tendência?

Se muitas vezes os entrevistados identificaram os casais heterossexuais como contextos favoráveis para a produção de desigualdades ao nível da divisão das tarefas domésticas, por outro lado, também eles parecem configurar lógicas de partilha desequilibradas, mais em quantidade do que em qualidade das tarefas, ainda que estejamos perante indivíduos escolarizados acima da média nacional e a viver em coabitação. Alguns estudos têm, porém, sublinhado o facto de este desequilíbrio ser menor nos casais homossexuais e de, principalmente, o seu carácter, aparentemente desgenderizado, lhes permitir uma maior negociação em torno da divisão das tarefas.

Exceptuando nos casais com uma maior duração, fica de facto a ideia de que se captou um momento da relação em que “agora é assim”, mas em que a atribuição de papéis tem potencial rotativo, reversível e negociável (pelo menos por princípio). Existe, portanto, um consenso no reconhecimento das desigualdades, mas nestes casos resulta num ajuste inacabado. Esta elasticidade e potencial de negociação, ainda que associados a situações de algum desequilíbrio, encontrariam eco em casais heterossexuais, igualmente jovens e escolarizados?

As conclusões retiradas desta pesquisa seriam certamente mais assertivas se o trabalho de campo tivesse podido contemplar um maior número de entrevistas e a inclusão de casais heterossexuais, provenientes de contextos igualmente favorecidos em termos de níveis de escolaridade atingidos e de situação conjugal. Uma futura pesquisa deverá ter esse factor em conta.

¹⁶ Nesta amostra o que verificamos foi que, quando existe diferença de idades entre os membros do casal, o elemento mais velho (excepto num caso) tende a fazer mais tarefas e mais vezes. Verifica-se a mesma tendência para aqueles que demonstram maior nível de perfeccionismo relativamente à arrumação e higiene da casa.

7. Referências bibliográficas

Aboim, Sofia (2003), “Evolução das estruturas domésticas”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 43, pp. 13-30.

Aboim, Sofia (2005), “Dinâmicas de interacção e tipos de conjugalidade”, em Karin Wall (org.), *Famílias em Portugal: Percursos, Interações, Relações Sociais*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 231-302.

Aboim, Sofia (2006), *Conjugalidades em Mudança: Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Aboim, Sofia (2007), “Clivagens e continuidades de género face aos valores da vida familiar em Portugal e noutros países europeus”, em Karin Wall e Lígia Amâncio (orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, col. Atitudes Sociais dos Portugueses n.º 7, pp. 35-92.

Amâncio, Lígia (1994), *Masculino e Feminino: A Construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento.

Amâncio, Lígia (2007), “Género e divisão do trabalho doméstico: o caso português em perspectiva”, em Karin Wall e Lígia Amâncio (orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, col. Atitudes Sociais dos Portugueses n.º 7, pp. 181-209.

Baxter, Janeen (2000), “The joys and justice of housework”, em *Sociology*, vol. 34, n.º 4, pp. 609-633.

Berkel, Michel Van, e Nan Dirk De Graff (1999), “By virtue of pleasantness: housework and the effects of education revisited”, em *Sociology*, vol. 33, n.º 4, pp. 785-808.

Bianchi, S. M., M. A. Milkie, L. C. Sayer, e J. P. Robinson (2000), “Is anyone doing the housework? Trends in the gender division of household labor”, em *Social Forces*, vol. 79, n.º 1, pp. 191-228.

Bittman, Michael, e Frances Lovejoy (1993), “Domestic power: negotiating an unequal division of labour within a framework of equality”, em *Journal of Sociology*, n.º 29, pp. 302-321.

Bourdieu, Pierre (1999), *A Dominação Masculina*, Oeiras, Celta Editora.

Bourdieu, Pierre (2002 [1972]), *Esboço de Uma Teoria da Prática, precedido de três estudos de etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.

Brandão, Ana Maria (2000), “Sexualidades e identidades: reflexões em torno de algumas questões de carácter epistemológico”, *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, APS. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e05b549406_1.PDF

Brandão, Ana Maria (2008), “Dissidência sexual, género e identidade”, *Actas do VI Congresso Português de Sociologia*, APS. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/548.pdf>

Connell, R. W. (1987), *Gender & Power*, Stanford, Stanford University Press.

Connell, R. W. (1994), “Gender regimes and the gender order”, em Anthony Giddens *et al.* (orgs.), *The Polity Reader in Gender Studies*, Cambridge, Polity Press, pp. 29-40.

Davis, Shannon N., Theodore N. Greenstein, e Jennifer P. Gerteisen Marks (2007), “Effects of union type on division of household labor: do cohabiting men really perform more housework?”, em *Journal of Family Issues*, vol. 28, n.º 9, pp. 1246-1272.

Delphy, Christine (1991), “Penser le genre: quels problèmes?”, em M. C. Hurting, M. Kail e H. Rouch (orgs.), *Sex et Genre: De la Hiérarchie entre les Sexes*, Paris, Éditions du CNRS.

European Social Survey - 2004, em <http://www.europeansocialsurvey.org/>, consultado em 30 de Setembro de 2007

Frazão, Pedro, e Renata Rosário (2008), “O *coming out* de gays e lésbicas e as relações familiares”, em *Análise Psicológica*, vol. XXVI, n.º 1, pp. 25-45.

Giddens, Anthony (2001 [1991]), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony (2001 [1992]), *Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras, Celta Editora.

Gomes, Natália (2001), “Associações gays e lésbicas: uma abordagem sociológica da produção do ‘grupo’ homossexual”, dissertação de licenciatura em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Guerreiro, Maria das Dores, e Helena Carvalho (2007), “O *stress* na relação trabalho-família: uma análise comparativa”, em Karin Wall e Lígia Amâncio (orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, col. Atitudes Sociais dos Portugueses n.º 7, pp. 129-179.

Guerreiro, Maria das Dores, Ana Caetano, e Eduardo Rodrigues (2008), “A família (d)escrita pelos jovens: permanência e mudança de modelos de paternidade”, *Actas do VI Congresso Português de Sociologia*, APS. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/222.pdf>

Kurdek, L.A. (2001), “Differences between heterosexual-nonparent couples and gay, lesbian, and heterosexual-parent couples” em *Journal of Family Issues*, 22, 727–754.

Kurdek, Lawrence (2003), “Differences between gay and lesbian cohabiting couples”, em *Journal of Social and Personal Relationships*, vol. 20, n.º 4, pp. 411-436.

Kurdek, Lawrence (2005), “What do we know about gay and lesbian couples?”, em *American Psychological Society*, vol. 14, n.º 5, pp. 251-253.

Kurdek, Lawrence (2007), “The allocation of household labor by partners in gay and lesbian couples”, em *Journal of Family Issues*, vol. 28, n.º 1, pp. 132-148.

Lalanda, Piedade (2002), “Casar pelo civil ou pela Igreja”, em *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 39, pp. 69-83.

Mendes, Rita Veloso (2007), “A parentalidade experimentada no masculino: as vivências da paternidade”, CIES e-Working Paper N.º 22/2007, Lisboa, CIES-ISCTE. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/documents/CIES-WP22.pdf>

Messner, Michael A. (2000), “Barbie Girls versus Sea Monsters: children constructing gender”, *Gender & Society*, vol. 14, n.º 6, pp. 765-784.

Milkie, Melissa A., e Pia Peltola (1999), “Playing all the roles: gender and the work-family balancing act”, em *Journal of Marriage and the Family*, vol. 61, n.º 2, pp. 476-490.

Moreira, Nuno (2004), “Conjugalidade homossexual masculina: dinâmicas de relacionamento”, *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, APS. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e03459eb23_1.PDF

Roseneil, Sasha (2005), “Living and loving beyond the boundaries of the heteronorm: a queer analysis of personal relationships in the 21st century”, em Linda McKie, Sarah Cunningham-Burley e Jo Campling, *Families in Society: Boundaries and Relationship*, Edimburgo, University of Edinburgh, Centre for Research on Families and Relationships, Policy Press. Disponível em: <http://www.eurozine.com/articles/2007-05-29-roseneil-en.html>

Roux, Patricia, Valérie Perrin, Marianne Modak, e Bernard Voutat (1999), *Couple et Égalité: Un Ménage Impossible*, Lausana, Éditions Réalités Sociales.

Santos, Ana Cristina, e Fernando Fontes (1999), “Descobrimo o arco-íris: uma abordagem sociológica às identidades homossexuais em Portugal”, dissertação de licenciatura em Sociologia do Poder e da Política pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Santos, Ana Cristina (2000), “Descobrimo o arco-íris: identidades homossexuais em Portugal”, *IV Congresso Português de Sociologia*, APS. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e057050922_1.PDF

Santos, Ana Cristina (2004), “Dos direitos humanos aos direitos das minorias sexuais: regulação ou emancipação?”, *V Congresso Português de Sociologia*, APS. Disponível em: http://www.aps.pt/index.php?area=001&mare=003&id_pub=PUB460d42061fd7a&id_tema=TEM43a0493f0b508

Torres, Anália (2001), *Sociologia do Casamento: A Família e a Questão Feminina*, Oeiras, Celta Editora.

Torres, Anália (2004), *Vida Conjugal e Trabalho: Uma Perspectiva Sociológica* Oeiras, Celta Editora.

Torres, Anália, e Rui Brites (2006), “Atitudes e valores dos europeus: a perspectiva do género numa análise transversal”, em Jorge Vala e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Atitudes Sociais dos Portugueses, n.º 6, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 325-378.

Vale de Almeida, Miguel (2009), *A Chave do Armário: Homossexualidade, Casamento e Família*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Wall, Karin (2005), *Famílias em Portugal: Percursos, Interações, Relações Sociais*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Wall, Karin (coord.) (2006), *A Vida Familiar no Masculino: Novos Papéis, Novas Identidades*, Relatório Final, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Wall, Karin, e Lígia Amâncio (orgs.) (2007), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, col. Atitudes Sociais dos Portugueses, n.º 7.

Wall, Karin (2007), “Atitudes face à divisão familiar do trabalho em Portugal e na Europa”, em Karin Wall e Lígia Amâncio (orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, col. Atitudes Sociais dos Portugueses, n.º 7, pp. 211-257.